

A Eucaristia, princípio e projeto de “missão”

Mistério Vivido

Iniciemos pela Eucaristia. Afinal é esse o tema que nos é proposto nestes dias... E permiti que me socorra de Walter Kasper para introduzir a temática: *“Celebrar a Missa significa interromper a atividade e a rotina quotidianas com o fim de refletir sobre o que é essencial para a nossa vida, sobre aquilo que nos sustenta e sustem. Na celebração dominical da Eucaristia tomamos consciência da fonte da qual nos alimentamos e do fim para o qual vivemos. Não nos alimentamos de nós próprios nem vivemos para nós próprios. Todos os Domingos nos reunimos para louvar a bondade de Deus, da qual vivemos e da qual fazemos experiência dia após dia, e para dar graças a Deus por nos haver dado Jesus Cristo como Caminho, Verdade e Vida (Jo 14,6). Cada Domingo é uma pequena festa da Páscoa – morte e ressurreição de Jesus Cristo. Por último, na Eucaristia torna-se presente o próprio Jesus Cristo como alimento espiritual tanto para esta vida como para a eterna.”*¹

Pegando na primeira afirmação do teólogo: *“interromper a rotina e refletir sobre o que é essencial para a nossa vida, sobre aquilo que nos sustenta e sustem”*, e sem querer fazer aqui uma homilia, recorro os Evangelhos dos dois últimos domingos: o envio e o regresso; a missão e o “dar contas”; o “ao que fomos chamados” e a realidade daquilo que fomos, somos e nos é pedido fazer...

Enviados dois a dois, alicerçados e apoiados na Palavra e alimento de Jesus (sem cajado nem alforje) e com a fé de quem age em nome do Senhor com a coragem de ultrapassar todos os obstáculos – manifestados no pó e na ausência da paz –, regressamos cada Domingo (*pequena festa da Páscoa* ou Páscoa semanal) para re-viver a Ressurreição e entrar em sintonia com o Mestre, re-orientar a nossa

¹ W. Kasper, *Sacramento de la unidad. Eucaristía e Iglesia*, (Colección “Presencia Teológica” 138), Sal Terrae, Santander 2005, 16.

missão, encontrarmo-nos com o Senhor e o Seu Corpo (Igreja). Repito: não pretendo fazer uma homilia! Mas olhar a Eucaristia enquanto mistério vivido, orienta-nos para o nosso ser consequente com o que escutamos de Cristo e para o que celebramos em Cristo cada Domingo, em cada Eucaristia. O Papa Bento XVI chama-lhe coerência eucarística, que o mesmo é dizer, testemunho prático da própria fé em toda e qualquer situação vital ou social.

“Na celebração dominical da Eucaristia tomamos consciência da fonte da qual nos alimentamos e do fim para o qual vivemos”. Será mesmo assim? Lanço novo olhar sobre os textos dos domingos anteriores; é verdade que eles não nos falam direta e concretamente da Eucaristia, mas colocam-nos sob a guia do Senhor Jesus e na barca, sinal da Igreja, onde somos convidados a fazer revisão de vida, à missão e à avaliação da missão/trabalho, onde somos convidados à interioridade, à oração, ao encontro pessoal e à comunhão. Mas se é verdade que os textos não nos falam claramente da Eucaristia, que outro lugar poderá ser este para nós hoje senão ela mesmo, a Eucaristia, em cada Domingo?

E se é verdade que *“não nos alimentamos de nós próprios nem vivemos para nós próprios”*, também não é menos verdade que o partir por mandato do Senhor e o regressar ao Senhor para contar o que fizeram e ensinaram (em Seu nome) traduz a profunda relação com Jesus Caminho, Verdade e Vida que celebramos em cada Eucaristia. É Ele que nos dá o poder de curar e de expulsar; é Ele que nos orienta e guia para a compaixão; é Ele que nos dá o verdadeiro sentido da missão – o outro!

É isso mesmo que celebramos na Eucaristia: o Outro e o outro! O Outro que é guia e pastor, o Ressuscitado! O outro que é o horizonte da Eucaristia; o outro, que sou eu e tu na entrega de Cristo; o outro que, no horizonte de Cristo e que está na outra margem, e que segundo o Seu olhar de compaixão é como ovelha sem pastor é, por isso, sentido e razão da missão – não vivemos para nós próprios mas, para Cristo e por Cristo, para o outro!

Olhemos as primeiras palavras da Exortação Apostólica “Sacramento da Caridade” do Papa Bento XVI: *“Sacramento da Caridade, a santíssima Eucaristia*

é a doação que Jesus Cristo faz de si mesmo, revelando-nos o amor infinito de Deus por cada pessoa” (2). Na Eucaristia recebemos este Cristo entregue a nós e por nós porque Ele, Deus, não vive para si mesmo mas para todo e cada homem. Neste sacramento o Senhor vem ao encontro do ser humano fazendo-o seu companheiro de viagem, fazendo-se seu alimento, alimento de Verdade e de Amor. Aqui, a Igreja encontra o seu centro vital; aqui a Igreja torna-se Corpo de Cristo, sempre renovada; aqui a Igreja acolhe e adere de forma convicta à missão que Cristo lhe confiou (que Cristo confiou aos seus discípulos); daqui a Igreja parte e esforça-se constantemente por anunciar ao outro, ao mundo, que Deus é Amor. Diz-nos o Papa: *“Exatamente porque Cristo se fez alimento de Verdade para nós, a Igreja dirige-se ao ser humano, convidando-o a acolher livremente o dom de Deus” (2).*

Este mistério vivido, ou melhor, verdadeiramente vivido envolve-nos com Cristo, faz-nos um com Cristo e faz-nos um em Cristo. Da intimidade e interioridade, da oração, do amor e verdade recebidos na Palavra e no Pão, sinais do Cristo vivo, na consciência desta comunhão (comum união) e no anúncio do que experimentámos e somos, tornamo-nos Igreja.

A Eucaristia cria a vida da Igreja e a Igreja somos nós. Aquilo que cada um vive na escola, no trabalho, com a esposa, com o namorado, pensando nas próprias opções, no íntimo da mente e do coração, ganha sentido, é iluminado pela Eucaristia; é Vida que entra na vida! A Igreja, a comunidade cristã, reúne-se como resposta a Deus que nos convoca. E isto é muito importante porque diz respeito a toda a nossa vida. Nenhum de nós se encontra a viver aqui sobre a terra por acaso. Somos fruto de uma história de amor... Somos princípio de uma missão... Somos convocados ou chamados para a Eucaristia, para a comunhão, para a escuta e para o envio.

Descobrimo e vivendo a Eucaristia como mistério, descobrimos quem é Deus, quem somos nós criaturas, que nos tornámos filhos e amados, num sinal de comunhão com Ele. Deixamos de nos sentir sós, imersos numa vida sem sentido,

como uma bola lançada na roleta. A Eucaristia restitui-nos o sentido da fraternidade, da oferta, do encontro com Deus, do agradecimento. A Eucaristia lança-nos numa dinâmica nova; numa dinâmica de vida e de crescimento.

Deixemo-nos iluminar pelo Concílio Vaticano II: *“Sempre que no altar é celebrado o sacrifício da cruz, em que foi imolado Cristo, nossa Páscoa (1Cor 5,7), realiza-se a obra da nossa redenção. Ao mesmo tempo, o sacramento do pão eucarístico representa e realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo (cf. 1Cor 10,17). Todos os homens são chamados a esta união com Cristo, que é a luz do mundo, do Qual procedemos, pelo Qual vivemos e para o Qual caminhamos”* (LG 3). O Concílio Vaticano II veio, pois, recordar-nos que a celebração eucarística está no centro do processo de crescimento da Igreja.

Nenhum dia da nossa vida pode ser ofuscado pela depressão ou pelo mau humor! Se estamos deprimidos e descontentes, quer simplesmente dizer que nos estamos a esquecer da nossa história. Devemos aprender a «ler a vida» como «vocação»: somos chamados pelo amor de Deus a existir, a participar com Ele, no coração da trindade, no banquete das núpcias eternas.

A Eucaristia começa sempre com um convite, a tornarmo-nos Povo de Deus, a ser acolhidos por Jesus. É a transição do individualismo à comunhão com Deus, da dispersão à unidade: é um caminho em direção à partilha, uma saída desta terra para a casa do Pai. Reunir-se para a Eucaristia, sobretudo ao Domingo, não é uma questão de preceito, mas de identidade cristã. E este é, sem dúvida, o princípio da “missão”: o sentirmo-nos chamados, porque amados, a viver de Deus, da Sua comunhão, a fazer experiência de renovados com o Ressuscitado.

A nossa sociedade, hoje, possui um momento sagrado e inviolável: o fim-de-semana. O *week-end* é um tempo de repouso, de férias, de diversão, mas, de facto, em vez de ajudar a viver o domingo, mata-o. Nós cristãos, com efeito, em vez de nos reunirmos em assembleia, mostrando assim que somos Igreja, dispersamo-nos, saindo do nosso local de residência habitual.

O Domingo, de dia de assembleia, de dia comunitário por excelência, torna-se, para muitos, o dia da ausência máxima. Lamentamos imenso a falta de comunhão na Igreja, no entanto, parece que não estamos interessados em dar o mais pequeno passo para iniciar esta comunhão que o próprio Domingo dia da assembleia, quer celebrar.

A Eucaristia é a nova instituição do Ressuscitado, através da qual ele deseja reencontrar-se com os seus discípulos. Reencontrando-nos com Ele na fração do pão, formamo-nos pacientemente e construimo-nos como Deus nos pensou desde sempre. Na Eucaristia, realizamos o seu sonho: ser família de Deus. Não é indiferente ir à Missa ou não. Se não vamos à Missa, separamo-nos do Senhor e não entramos nesta história da salvação. Mais, como seria importante deixar para trás a ideia de preceito (a qual soa a obrigatoriedade, ao “tem que ser”, “ai se não for...”) e recuperar a ideia de assembleia, onde a comunhão e o ser Corpo de Cristo são a razão e a verdadeira expressão do nosso reunir-se cada Domingo para celebrar o Mistério da Fé.

A liturgia – e a Eucaristia de modo especial – é a escola do estar na presença de Cristo. Quantas ausências, então, nas nossas Missas, nas nossas liturgias, nas nossas orações... quantas ausências na nossa vida!

A liturgia – e a Eucaristia de forma especial – arranca-nos dos compromissos quotidianos para nos fazer entrar na vida de Cristo e, através de Cristo, participar na comunhão com Deus, e com o mundo. Assim, é-nos dado viver toda a nossa vida como história de salvação. Nada se perde.

A Eucaristia é o ponto de chegada na vida de todos os dias, mas é também um ponto de partida para uma vida nova. Daqui brota a missão. A salvação é oferecida a todos, mas ainda nem todos a acolheram: é necessário que todos conheçam o Senhor, que todos encontrem Jesus Salvador.

Essa mesma foi a experiência dos discípulos de Emaús, que depois de terem reconhecido o Senhor ao partir do pão, *“levantando-se, voltaram imediatamente para Jerusalém”* (Lc 24,33) – a cidade de Deus, o lugar da entrega do Senhor –

para contarem “o que lhes tinha acontecido pelo caminho e como Jesus se lhes dera a conhecer, ao partir o pão” (Lc 24, 35).

Essa mesma é a experiência do cristão após cada Eucaristia. O “*Ide em paz e o Senhor vos acompanhe*”, manifestado ao final de cada Eucaristia, reflete e traduz não só a experiência vivida mas também a missão/convite a quantos dela participaram para ir e dar razões da sua esperança ao mundo e aos homens. “*Quando se faz uma verdadeira experiência do Ressuscitado, alimentando-se do seu corpo e do seu sangue, não se pode reservar para si mesmo a alegria sentida. O encontro com Cristo, continuamente aprofundado na intimidade eucarística, suscita na Igreja e em cada cristão a urgência de testemunhar e evangelizar... A despedida no final de cada Missa constitui um mandato, que impele o cristão para o dever de propagação do Evangelho e de animação cristã da sociedade.*”²

De facto, “a missão primeira e fundamental – diz-nos Bento XVI na Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis* –, que deriva dos santos mistérios celebrados, é dar testemunho com a nossa vida” (85). O que atrás foi referido como dinâmica nova é isto mesmo: deixarmos envolver a nossa existência por Cristo, e n’Ele nos comprometermos a ser testemunhas do Seu amor. E “*tornamo-nos testemunhas quando, através das nossas ações, palavras e modo de ser, é Outro que aparece e Se comunica*” – Jesus (85).

Também na Eucaristia o dizemos e celebramos (a título de exemplo cito a oração eucarística IV): “*Olhai, Senhor, para esta oblação que preparastes para a vossa Igreja; e concedei, por vossa bondade, a quantos vamos participar do mesmo pão e do mesmo cálice, que, reunidos pelo Espírito Santo num só corpo, sejamos em Cristo uma oferenda viva para louvor da vossa glória*”; (e a oração eucarística V/D): “*Abri os olhos do nosso coração às necessidades e sofrimentos dos irmãos; inspirai as nossas palavras e obras para confortarmos os que andam cansados e oprimidos; e ensinaí-nos a servi-los de coração sincero, segundo o exemplo e o mandamento de Cristo. Fazei que a vossa Igreja seja o testemunho*

² J. Paulo II, Carta Apostólica “*Fica connosco, Senhor*”, 24.

vivo da verdade e da liberdade, da justiça e da paz, para que em todos os homens se renove a esperança do mundo novo”.

Na oferta do pão e do vinho, que serão alimento e dons de salvação para a Igreja, pela ação do Espírito Santo, e deixando-nos nós plasmar por Ele, seremos um só corpo, o de Cristo e com Ele dom, oferta, sacrifício para o mundo. Do mesmo pão e do mesmo cálice santificados pela ação do Espírito Santo tornamo-nos sinal de comunhão para o mundo e sinal de comunhão no mundo. Comendo o Corpo do Senhor, tornamo-nos Corpo do Senhor e para o mundo seremos Corpo do Senhor, Corpo de Cristo, alimento de vida eterna.

“Sempre que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha” (1Cor 11,24). “Entrar em comunhão com Cristo no memorial da Páscoa significa ao mesmo tempo experimentar o dever de fazer-se missionário do acontecimento que a Eucaristia atualiza”³; significa experimentar o dever de se tornar alimento para o mundo como Cristo se tornou para nós; significa tornar-se Corpo de Cristo, como Cristo é no Seu Corpo alimento para nós, ou, no dizer de João Paulo II: “um modo de ser que passa de Jesus para o cristão e, através do seu testemunho, tende a irradiar-se na sociedade e na cultura”⁴.

Oferecer-se, pois, como Corpo de Cristo ao mundo é a nossa missão. A Eucaristia é o projeto – o modo de ser, o como devemos ser – o nosso quotidiano é o onde temos que ser e atuar esse projeto. Alimentados pelo Corpo e Sangue de Cristo, transformados pelo que recebemos e tornados no que recebemos, somos Eucaristia! Sim! Inácio de Antioquia, tendo em mente o seu martírio – apogeu do novo culto espiritual – considera-se *“trigo de Deus”* e, pelo martírio, deseja transformar-se em *“pão puro de Deus”*.

A este respeito é importante não descurar as orações depois da comunhão das nossas celebrações eucarísticas. Elas ajudam-nos a perceber o que vivemos e ao que somos chamados: *“Concedei-nos, Senhor, que o corpo e o sangue do vosso*

³ J. Paulo II, *Carta Apostólica “Fica connosco, Senhor”*, 24.

⁴ J. Paulo II, *Carta Apostólica “Fica connosco, Senhor”*, 25.

Filho, oferecidos em sacrifício e recebidos em comunhão, nos deem a verdadeira vida, para que, unidos convosco em amor eterno, dêmos frutos que permaneçam para sempre”.

Um parêntesis: tanta Eucaristia que já vivemos e celebrámos! Tanta Eucaristia que já recebemos e “comemos”! Tanto “Corpo de Cristo”, tanta Palavra, tanta vida divina, tanta comunhão... E onde já nos sentimos transformados, tomados por Deus, animados em ser Seu Corpo, alimento para os homens, não com palavras e formações bonitas e até sérias, mas com o nosso exemplo e testemunho, a nossa entrega, perdão efetivo, seriedade, compromisso, vida? Se, de verdade, nos tornamos no que recebemos – no que comemos –, hoje, porque é que o mundo não nos conhece, não nos acredita, não “nos” segue, não... Afinal quando e para quem nos tornámos Corpo de Cristo?

Como seria importante pensarmos (assumirmos) que o altar, sobre o qual tem lugar a autêntica oferta, é a nossa própria vida quotidiana. O que celebramos sobre o altar na Igreja – a entrega de Cristo, a paixão do Senhor pelo homem – pode ser realizado na fidelidade com que cumprimos os nossos deveres quotidianos, empenhando-nos na profissão, no estudo, nas relações, nos encontros, servindo as pessoas, a família, a comunidade. É aqui que se joga a realidade da Eucaristia, no quotidiano das nossas vidas, onde somos convidados a transformar o mundo, de maneira que seja, cada vez mais, penetrado por Cristo, e os homens nele o reconheçam. É como se pronunciássemos as palavras da epiclese – que o sacerdote diz sobre o pão e o vinho na Eucaristia: “Nós vos pedimos, Senhor, que o Espírito Santo santifique estes dons para que se convertam no Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo” – sobre as nossas atividades, nas nossas reuniões, nas nossas mesas de trabalho, nas nossas tarefas domésticas... Mas terá que acontecer a partir de nós, do nosso deixarmo-nos transformar por esta epiclese do Espírito. *“A transformação da nossa vida quotidiana através da Eucaristia exige também um trato diferente com as coisas, com as pessoas e com a criação. O respeito com*

*que recebemos a Cristo na comunhão é o mesmo que temos de mostrar para com as pessoas que encontramos. Também através delas, Cristo quer entrar em nós”.*⁵

“O pão que Eu hei-de dar é a minha carne que Eu darei pela vida do mundo” (Jo 6,51). Este é o verdadeiro significado do dom da vida de Cristo por todos os homens: a vida. Esta é a razão da Eucaristia: a vida. Dar vida, dar a vida, a Sua vida para que o outro possa dela viver, ser, existir. “Cada celebração eucarística – diz-nos o Papa Bento XVI na Exortação Apostólica Sacramentum Caritatis – atualiza sacramentalmente a doação que Jesus fez da sua própria vida na cruz por nós e pelo mundo inteiro. Ao mesmo tempo, na Eucaristia, Jesus faz de nós testemunhas da compaixão de Deus por cada irmão e irmã; nasce assim, à volta do mistério eucarístico, o serviço da caridade para com o próximo, que «consiste precisamente no facto de eu amar, em Deus e com Deus, a pessoa que não me agrada ou que nem conheço sequer. Isto só é possível realizar-se a partir do encontro íntimo com Deus, um encontro que se tornou comunhão de vontade»” (88).

É desta “comum união” – comunhão – com Cristo, da qual todos vivemos, que Cristo invade o mundo e a vida dos homens para os encher da Sua própria vida. A comunhão eucarística é comunhão do Corpo de Cristo, alimento, mas também comunhão com a Igreja, homens e mulheres. A comunhão eucarística é comunhão com a vontade de Cristo, mas também com a vontade da Igreja. A comunhão eucarística é comunhão/sintonia com a entrega de Cristo pelo homem, pelo mundo, para lhe dar vida. Ou, se quisermos, como nos ensina o Beato João Paulo II: *“A Eucaristia não é expressão de comunhão apenas na vida da Igreja; é também projeto de solidariedade em prol da humanidade inteira. A Igreja renova continuamente, na celebração eucarística, a sua consciência de ser sinal e instrumento não só da íntima união com Deus mas também da unidade de todo o género humano... O cristão, que participa na Eucaristia, dela aprende a tornar-se*

⁵ Anselm Grün, *A celebração da Eucaristia. União e transformação*, Paulinas, Prior Velho 2004, 59-60.

promotor de comunhão, de paz, de solidariedade, em todas as circunstâncias da vida".⁶

E porque o tempo urge, e sabendo que não podemos tudo dizer ou de todas as coisas falar, deixo um último apontamento: na Eucaristia respondemos ao chamamento do nosso Deus, experimentamos o perdão e a paz, partilhamos o verdadeiro e único Pão da Vida, atualizamos a Palavra – Verbo encarnado em nós –, celebramos o nosso ser filhos, oferecemo-nos com Cristo ao outro, vivemos, pelo sangue do Filho, como irmãos... que nos é pedido na vida como missão senão voltar a ser tudo isto com o mundo? De facto, não nos reunimos como um grupo de amigos, mas como homens (irmão, irmã, mãe) que de Cristo receberam a verdadeira vida (pelo seu sangue que corre em nós) para a viver, celebrar e levar pelo mundo.

Celebrando a Eucaristia, a Igreja realiza-se a si mesma. Mais, celebrando a Eucaristia, a Igreja oferece-se a si mesma. Talvez Santo Agostinho nos ajude melhor a entendê-lo: *“Tal é o sacrifício dos cristãos, muitos somos um só corpo em Cristo. E este sacrifício a Igreja não cessa de o celebrar assiduamente no sacramento do altar bem conhecido dos fiéis; nele se mostra que ela própria é oferecida no que se oferece”*.⁷

⁶ João Paulo II, *Carta Apostólica “Fica connosco, Senhor”*, 27.

⁷ Agostinho de Hipona, *A Cidade de Deus*, 10,6, in *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do primeiro milénio*, ed. J. Leão Cordeiro, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima 2004, 805.